

## RELATO DE EXPERIÊNCIA: APRENDENDO A ENSINAR

**GOLÇAVES, ISABELLA DE PAIVA<sup>1</sup>; MACHADO, MARISTELA GONÇALVES SOUSA. Orientadora<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – isabellapg01@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – maristelagsm@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Participar de um projeto de extensão como ministrante de um curso básico de FLE durante a formação universitária de professor é uma experiência extremamente importante e completa, pois nos permite atuar, conhecer a fundo e vivenciar nossa futura carreira. Não se trata apenas de aplicar teorias estudadas e ensinar os conteúdos assimilados, mas sim de vivenciar os aspectos práticos da profissão, que só são aprendidos durante o exercício da função no dia a dia.

Este relato de experiência pretende construir uma reflexão sobre os impactos na minha formação docente resultantes da experiência como ministrante em um curso de extensão de francês básico I do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, durante o quinto semestre do curso de licenciatura em Letras Português – Francês e Respectivas Literaturas.

A área de Francês do CLC da UFPEL tem uma forte tradição extensionista e oferece cursos básicos de FLE à comunidade de Pelotas desde 1979, sendo que a atualmente há nove cursos de Extensão ofertados pela área.

Este relato nasceu a partir de minha experiência como colaboradora do projeto Língua Francesa no Instituto Federal Sul-Riograndense<sup>1</sup>, em uma turma de nível 1, composta por 10 alunos oriundos tanto da graduação como dos cursos técnicos, além de professores e servidores do Instituto. Os outros cursos oferecidos pela área de Francês são: Teatro em Francês, Ciclo de Palestras aspectos e desafios da francofonia XIII, Francês para a Comunidade Escolar Pública, Curso de Conversação em Língua Francesa, Aspectos linguísticos e prosódicos do francês língua estrangeira<sup>2</sup>, Introdução à compreensão de leitura em língua francesa<sup>3</sup> e Francês para a comunidade do Anglo<sup>4</sup>.

Desde 2003, a UFPEL e o Instituto realizam o Língua Francesa no Instituto Federal Sul-Riograndense com o objetivo de estreitar relações entre as duas instituições e contribuir para viabilizar o intercâmbio da comunidade do Instituto com um número significativo de instituições francesas. Pode-se citar o projeto Brafitec/Capes de intercâmbio docente e discente na área das Engenharias com a École de Mines d'Ales e Sigma-Clermont Ferrand, o projeto Indústria Eletrônica e Energias Alternativas e os convênios com os liceus profissionais Washington-Touchard, Dhuo e Eugène Livet.

Os cursos de francês são ministrados por alunos da Licenciatura em Letras – Português/Francês e suas respectivas literaturas e priorizam as quatro habilidades linguísticas procurando igualmente despertar na comunidade o gosto pela língua e pela cultura de expressão francesa. O estudante é assim a alma do projeto, diferentemente de outras épocas em que professores substitutos também podiam ser ministrantes.

<sup>1</sup> Coordenados pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maristela Gonçalves Sousa Machado.

<sup>2</sup> Coordenados pela Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Ana Maria da Silva Cavalheiro

<sup>3</sup> Coordenados pela Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Mariza Pereira Zanini

<sup>4</sup> Coordenado pelo Prof. Ms. Deivid Silva Blank

O projeto objetiva igualmente o aprimoramento da prática docente do estudante, através de uma vivência comunitária real na prática quotidiana, que é decisiva para a construção sólida de seus saberes. O contato com jovens e adultos advindos de realidades e disciplinas diferentes, obriga os estudantes e futuros professores a agir e refletir no âmbito da diversidade.

Como o público do IFSUL não tem, em sua maior parte, condições de ter acesso aos cursos privados de línguas estrangeiras, o projeto promove a inclusão linguística: o ensino do francês responde assim a uma demanda social posto que se torna um instrumento facilitador para que esses atores sociais expandam seus horizontes, aproveitem oportunidades de mobilidade internacional e sejam capazes de ler e dialogar em francês com as instituições conveniadas com IFSUL. Além disso, em um mundo plural, o francês assume um importante papel de resistência à unidade linguística e cultural sonhada pela globalização totalizante.

## 2. METODOLOGIA

Este relato de experiência possui um caráter primeiramente empírico e carece ainda de uma fundamentação teórica mais sólida, porém pretendo elucidar os impactos desta experiência em minha formação como docente no que tange os aspectos relativos à construção de minha identidade profissional como professora, às repercussões também em minha identidade pessoal como aluna em um curso de licenciatura e à importância das atividades extensionistas no âmbito da formação de professores.

Avaliar uma experiência como a de ministrar aulas pela primeira vez durante a formação universitária é estimulante, pois todas as atenções se voltam para executar o projeto proposto da melhor forma possível, para revisar e garantir o domínio dos conteúdos que serão trabalhados e para administrar o nervosismo de estar à frente da primeira turma de alunos, que tornará concreta nossa primeira experiência como professor. Trata-se, portanto, de uma experiência tanto pessoal como profissional; que nos desafia tanto na construção da identidade pessoal como da identidade profissional como professor.

São grandes os desafios da primeira experiência docente pois é momento em que aplicamos as convicções que construímos sobre esta prática ao nos colocarmos como professores em uma situação real, diante de uma turma de alunos desconhecidos. É o primeiro momento em que nos percebemos, de fato, como professores e começamos a construir esta identidade em nossas vidas.

Quanto a estas questões, busquei referências sobre a identidade docente em Carlos Marcelo, em seu artigo *A Identidade docente: constantes e desafios* (2009) e em Selma Garrido Pimenta em *Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor* (1996).

Sobre a importância das atividades de extensão universitária e sua repercussão na formação do professor, busquei esclarecimentos em Berenice Rocha Zabot Garcia em *A contribuição da extensão universitária para a formação docente* (2012). Para discutir a atividade docente em geral e aspectos essenciais sobre ensinar, transmitir e construir conhecimento, recorri aos ensinamentos de Paulo Freire (1997).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao passar da condição de aluno que estuda para ser professor à condição de professor (mesmo que ainda enquanto aluno), é grande o salto que se dá. Quando nos deparamos com o processo complexo que envolve uma aula, toda a preparação necessária, a programação dos conteúdos, a seleção dos materiais, a elaboração do plano de aula, a escolha dos suportes que serão utilizados, a elaboração das atividades que serão propostas, começamos a visualizar o trabalho necessário na elaboração de uma aula; percepção que dificilmente conseguimos ter como alunos.

Antes mesmo de ministrar as aulas, já começamos, no processo de preparação, a percorrer o campo prático da função do professor e a ter uma noção de todas as atividades das quais este profissional deve se incumbir. A experiência na Extensão nos dá, neste nível, uma noção real e completa de todo o universo docente.

Nem sequer entramos em uma sala de aula e já começamos a nos enxergar como profissionais; já começamos a moldar nossa identidade como professores, isto é, a forma como nos definimos dentro desta área. Segundo Carlos Marcelo (2009, p.112) “O desenvolvimento da identidade se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto”.

Ao preparar as aulas, nos deparamos com questões como: quais as dúvidas podem surgir a partir desta explicação? Qual a melhor forma de propor tal conteúdo? Quais exemplos posso acrescentar a este exercício? Qual a melhor maneira de realizar esta atividade? E ao começar a refletir sobre a melhor maneira de conduzir a aula, já começamos a nos moldar como professores.

Quando começamos a refletir sobre os alunos, seus contextos dentro e fora da instituição e sobre a demanda social à qual o projeto de Extensão responde, estamos também moldando nossa identidade como profissionais docentes. Para Pimenta (1996, p.76) “Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão (...) Constrói-se também pelo significado que cada professor, enquanto autor e ator, confere à atividade docente em seu cotidiano”.

Como alunos da licenciatura, estamos em constante reflexão sobre o ato de ensinar, porém quando encontramos a oportunidade de estar em um contexto real no qual devemos ensinar uma turma de alunos, nos deparamos com questões pessoais que influem diretamente neste processo. Algumas delas são: como me coloco diante desta situação? Qual linguagem escolho utilizar? Qual imagem quero passar? No processo de construção da identidade como professor estão presentes todas essas questões e assim, a medida que nos definimos dentro da sala de aula, nos definimos também enquanto indivíduos fora dela.

Ao longo do processo na Extensão, estamos em constante aprendizado: ao nos construir como professores, ao assumir a rotina prática desta profissão, ao estabelecer a dinâmica de sala de aula sob a perspectiva docente, ao repreender os conteúdos trabalhados. Mas principalmente estamos aprendendo a ensinar enquanto ensinamos. Assim, encontro em Paulo Freire (1997, p.19) que:

“Ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos.”

## 4. CONCLUSÕES

Ao avaliar a experiência na Extensão, vemos grandes resultados quanto à formação de alunos mais críticos, autônomos e preparados para atuar na sociedade na qual estarão inseridos profissionalmente após a formação universitária. Quanto à formação, ao aprender a ensinar e tomar consciência de que se aprende também ao ensinar, nos percebemos como profissionais em constante formação; mais abertos ao diálogo e mais sensíveis às transformações do mundo que nos rodeia.

Uma vez que tenhamos tomado parte em um projeto de Extensão dessa natureza, não somos mais os mesmos alunos de antes. Tendo atuado como professores, nos tornamos mais críticos quanto às aulas que assistimos e quanto ao processo de construção do nosso próprio conhecimento dentro da sala de aula. Percebemos mais satisfatoriamente a programação e evolução dos conteúdos e compreendemos melhor a figura do professor em nossas aulas, o que nos permite buscar um aproveitamento mais completo tanto das aulas e conteúdos, como da observação da prática docente.

Ao participar da Extensão nos sentimos profundamente mais preparados profissionalmente, o que repercutirá em nossa futura prática como docentes, pois quanto mais preparados, mais autonomia desenvolveremos em relação à nossa dinâmica e ao nosso desenvolvimento profissional. Quando somos desafiados desta maneira, ao ministrar aulas na Extensão, nos orgulhamos imensamente do trabalho que somos capazes de realizar e confirmamos a nossa vocação para a atividade docente.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olha D'água, 1997.

GARCIA, B. R. Z. **A contribuição da extensão universitária para a formação docente**. 2012. 130f. Tese (Doutorado em Educação – Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PIMENTA, S. G. Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.22, n.2, p.72 – p.89, 1996.

MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**, Belo Horizonte, v.01, n.01, p.109 – p.131, 2009.